

Por que Ensinar Gramática?

Júnia Maria Campas Passos

(UFMG)

Minha tarefa de hoje é, pelo menos, tentar responder à pergunta: por que ensinar gramática?

Fiquei pensando, primeiro, por que se faz hoje essa pergunta. Há milênios que se pensa a gramática, se estuda a gramática, se ensina a gramática. E agora se põe em questão esse ensino, e tem-se necessidade de justificá-lo, de discutir sua pertinência e, até, sua validade. Que teria havido, afinal?

Na verdade, todos sabemos o que tem havido, em relação ao ensino da gramática. Esvaziou-se, tornou-se anêmico, perdeu vitalidade, porque desligou-se da fonte de onde devia tirar toda a sua força e energia: a língua, pura repetição enfadonha e desprovida de sentido, coleção de nomes ocios.

Aí, então, por causa disso, cheguei a pensar que talvez fosse melhor preconizar o não-ensino da gramática. Quem sabe seria mais rentável, mesmo, ignorá-la e continuar fazendo consistir o ensino da língua apenas no polimento direto e constante do uso desta, através da exposição das crianças, dos jovens, a uma estimulação maciça proveniente de textos os mais variados?

Mas essa idéia passou a me incomodar. É claro que fazer voltar os alunos a um contato assíduo e sem intermediação com os textos de seu tempo, que focalizam seus interesses de todos os tipos e níveis, ou que despertem neles outros interesses, de outras naturezas, é muito interessante e produtivo, isso não deve ser negado a quem quer que seja. O estudante pode apropriar-se paulatinamente, sem dor, das estruturas da língua e, nos momentos adequados, expressar, a partir delas, seus pensamentos e sentimentos, de maneira coerente e eficaz.

Entretanto, será que isso é tudo, esse automatismo ou, no máximo, esse semiautomatismo mais ou menos sofisticado é todo o bem que se pode extrair da prática da língua, embora ele possa atingir graus de elaboração indiscutivelmente aceitáveis? Quero crer que não.

Porque, mesmo se considerarmos a língua como um código – de acordo com as modernas teorias da comunicação – não seria incorreto dizer que o aprofundamento do conhecimento do código, quantitativa e qualitativamente, isto é, elementos que o compõem e regras que permitem a sua combinação, no mínimo possibilitaria melhor uso desse código porque mais consciente. E a consciência no uso de um instrumento é algo muito positivo, pois não só melhora a “performance” como também liberta o indivíduo dos medos e das limitações da ignorância. Mas há mais.

“A língua é um ato da inteligência teórica propriamente dita.” É de HEGEL esta afirmação. Na verdade, há na base da constituição da língua, uma imensa e fundamental atividade de generalização e de sistematização. São operações de natureza importante, é profundamente humano, porque profundamente racional, captar e relatar o resultado dessa atividade, as inúmeras e diversas formas que ela foi capaz de produzir e que constituem isso que hoje chamamos de gramática.

Se a possibilidade de realizar tais esforços foi dada ou adquirida, essa é uma discussão que não importa muito agora. O que importa considerar neste momento é se não seria uma perda, um prejuízo ponderável, tirar das pessoas, da juventude, essa oportunidade de conhecer e trabalhar com essa rede de esforço teórico tão rica que representa o conjunto das regras da língua.

Acredito que se pode perceber de que gramática estou falando: da gramática como teoria da língua. Essa, eu acho que faria falta, ou melhor, está fazendo falta, se não está sendo dada a conhecer, ou se não está sendo usada como um exercício de pensar. O aprimoramento da capacidade de pensar do indivíduo é uma das grandes tarefas da escola. A língua como objeto de estudo está apta a promover esse

desenvolvimento. Pode-se partir da observação dos fatos lingüísticos, refletir sobre os elementos notados, generalizar ou particularizar, diferenciar ou homogeneizar. Pode-se sistematizar, chegar às estruturas básicas da língua, seus recursos e operações fundamentais. Pode-se apontar para o discurso, para o contexto. Pode-se ligar tais fatos a outros campos de atividade humana, ou da produção humana, e descobrir analogias interessantes. Pode-se tomar consciência do papel abrangente que a linguagem apresenta nos diversos setores que compõem o dia a dia da vida em sociedade.

Um desafio para se chegar a esses objetivos seria a escolha do enfoque teórico com que trabalhar. Gramática clássica, simplesmente, ou linhas mais contemporâneas de pensamento da língua? Qualquer uma, desde que respeitada sua natureza, seus limites, seu instrumental teórico e a oportunidade de seu uso. Penso que não se deve ter medo de mostrar ao estudante os limites de uma teoria. Ele aprenderia desde cedo que as verdades absolutas, se as há, são muito poucas. E que o homem chega ao conhecimento pelo sofrido caminho da luta, das inúmeras tentativas e erros. E que o dogmatismo não tem seu lugar, em matéria de ciência. É preciso começar, portanto, o trabalho construtivo da crítica.

Outro desafio, e não dos menores, será descobrir, criar metodologias adequadas, eficientes, para que o aluno trabalhe tudo isso. Nesse terreno a salvação é ousar, sair do convencional, aproveitar os recursos surpreendentes que andam à nossa volta. Abrir os olhos e os ouvidos, deixar entrar os apelos do mundo lá fora, que a juventude vai compreender e aderir.

Em suma: sou a favor da gramática na escola, mas como elemento de aperfeiçoamento das faculdades humanas, como elemento de libertação.